

INCLUSÃO – OLHAR DOS COLEGAS DAS SÉRIES INICIAIS E FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

GABRIELA AMARAL LEAL¹; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL²

¹Universidade Federal de Pelotas1 – gaby_leal26@hotmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas– gilsenira_rangel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular tem sido um assunto amplamente discutido atualmente, além de ser um grande desafio, pois, trata-se de um processo árduo e lento e que depende da preparação da comunidade escolar para promover a participação de todos os alunos. O direito à diferença nas escolas provoca certo receio por parte das mesmas, afinal ele acaba por “impor” uma reestruturação no ambiente escolar, a fim de superar toda e qualquer circunstância ou empecilho propiciados pelas especificidades de alunos que necessitem de atenção e compreensão às suas singularidades. Esta estratégia pedagógica deve ser regida sem preconceitos, estigmas ou discriminação.

A socialização da criança com deficiência na escola

Para a criança com deficiência, tal qual para outra criança, a escola funciona como fonte de estímulo para o desenvolvimento. É na escola que se encontra o segundo meio social ao qual pertencemos. Tanto as situações de aprendizagem como socialização poderão dar oportunidades de desenvolvimento da identidade, da autoestima, do prazer e, principalmente, de relacionamento/interação com os colegas.

No entanto, não basta apenas que a criança com deficiência seja inserida na escola, é preciso que habilidades sociais sejam trabalhadas. Segundo PUESCHEL, (1993), as crianças necessitam, com frequência, de instrução adicional para sentirem-se à vontade no contexto social. Nesse sentido, a família desempenha um papel primordial, são as interações na família as que mais contribuem para o desenvolvimento, sem desconsiderar outros sistemas sociais como a escola, a igreja, o clube, etc.

Comportamentos diferenciados de interação entre crianças com e sem deficiência, segundo DESSEN & SILVA (2003), estão também relacionados à baixa habilidade de linguagem expressiva apresentada pelas crianças com deficiência intelectual. Este trabalho tem como objetivo apresentar a relação entre a visão, de alunos (colegas de alunos com deficiência) dos Anos Iniciais com a de alunos dos Anos Finais, no que se refere à inclusão. Verificar o entendimento desses alunos sobre inclusão e como esse processo se dá partindo do ponto de vista dos colegas de alunos com necessidades educacionais especiais.

2. METODOLOGIA

Dada a contextualização do tema proposto: INCLUSÃO – OLHAR DOS COLEGAS DAS SÉRIES INICIAIS E FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, a investigação, de cunho qualitativo, foi realizada por meio de análise de dados coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas em duas escolas

públicas de ensino regular, na escola A, a entrevista foi feita com 9 alunos, com idades variantes entre 7 e 9 anos, de uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Na escola B, a entrevista foi realizada com 12 alunos de uma turma de 9º ano, com idades variantes entre 13 e 14 anos, do Ensino Fundamental. As perguntas realizadas nas entrevistas feitas individualmente, gravadas em áudio e analisadas posteriormente, foram as seguintes: 1) Com quais colegas costuma passar o recreio? 2) Já conseguiu fazer trabalho em dupla com todos os colegas? Se não fez, por que não fez? 3) Quem escolhe o grupo? Quais os critérios? 4) Você tem colegas com deficiência? Sabes dizer qual? 5) Tem algum parente com deficiência na família? Convive com ele/ela? 6) Sabe o que é inclusão? 7) Como você se sente com a presença desse aluno? Ajuda ou fica mais difícil aprender? Os alunos participantes tiveram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos pais ou responsáveis.

A análise de dados será baseada no sistema de categorias apresentada por MORAES (2003). Segundo ele, a categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no processo inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. Os conjuntos de elementos de significação próximos constituem as categorias. É a partir delas que se produzirão as descrições e interpretações que comporão o exercício de expressar as novas compreensões possibilitadas pela análise. (MORAES, 2003, p. 197)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos dados coletados, é possível perceber a disparidade de respostas obtidas, nas entrevistas, com cada turma de cada escola. Partindo do ponto de vista da escola A, os alunos demonstraram que a presença de um aluno com laudo não gera conflito e nem dificulta a aprendizagem dos demais colegas em sua turma. De acordo com a escola B, são levantadas diferentes opiniões a despeito da presença de um aluno com deficiência em sua sala.

QUADRO 1: COMPARATIVO ENTRE ESCOLA A (ANOS INICIAIS) E ESCOLA B (ANOS FINAIS)

Questionário	Escola A (respostas)	Escola B (respostas)
1) Com quais colegas costuma passar o recreio?	"Com todos."	Todos afirmaram que com seus amigos mais próximos.
2) Já conseguiu fazer trabalho em dupla com todos os colegas? Se não fez, por que não fez?	a) "Sim." – Até mesmo com a fulana? – "Ahh..Com ela não.." b) "Não sei.."	Todos afirmaram que não, com a justificativa que as duplas e grupos já estão sempre formados.
3) Quem escolhe o grupo? Quais os critérios?	a) "Ahh.. Maioria das vezes é a professora, mas de vez em quando ela deixa a gente escolher.." b) "Ela escolhe." / "Eu faço com o fulano, ciclano e beltrano.."	Os alunos e raramente os professores.
4) Você tem colegas com deficiência? Sabes dizer qual?	"Não." Neste caso, após algumas tentativas de explicar o que é deficiência,	Oito disseram que sim mas não sabiam dizer qual a deficiência. Dois disseram que sim e que sim e que era hiperatividade.

	dois dos nove entrevistados relataram que uma de suas professoras explicou para a turma que a aluna autista só falava: "ãh,ãh,ãh..." pois "na cabecinha, ela tinha 3 anos de idade". Baixinho, a criança considerou: "Mas ela tem nove..."	Dois disseram que sim e que é "algo na cabeça". Um disse que sim e que é retardo mental.
5) Tem algum parente com deficiência na família? Convive com ele/ela?	"Não."	Seis disseram que não. Quatro disseram que sim e que convivem com a pessoa. Um disse que sim mas que a convivência só existe quando visita. Um disse que sim mas que já é falecido e portanto não convive.
6) Sabe o que é inclusão?	"Não."	Quatro disseram que não sabem. Oito disseram que sabem.
7) Como você se sente com a presença desse aluno? Ajuda ou fica mais difícil aprender?	(sem resposta)	Três disseram que não atrapalha nem a si e nem a turma. Dois disseram que atrapalha um pouco. Dois disseram que atrapalha muito. Três disseram que não atrapalha a si, mas atrapalha a turma. Um disse que "quando está quieto não tem problema, mas do contrário é complicado". Um disse que "atrapalha mais que os outros geralmente".

No que se refere à questão: O que é inclusão para os colegas, todas as respostas são da escola B, uma vez que os alunos da escola A, alegaram não saber o que é. A seguir, as respostas: 1) "Inclusão é que agora eles incluíram que as pessoas com deficiência pode estudar junto com a gente"; 2) "Não tenho certeza, mas é uma lei que criaram agora de incluir as pessoas com deficiência tipo na nossa sala de aula, junto com a gente."; 3) "É incluir pessoas com deficiência na mesma sala que nós."; 4) "Acho que é quando inclui as pessoas com deficiência na sociedade."; 5) "Pelo que falaram, é que era das pessoas com deficiência pra poder vir junto com a gente, conviver junto com a gente." Em qualquer lugar ou só na escola? "Acho que só na escola."; 6) "Inclusão é quando uma pessoa com deficiência se junta com, vai pra mesma sala assim ou se junta com as pessoas."; 7) "Eu acho que é incluir pessoas com deficiência no meio do grupo, em qualquer lugar."; 8) "Sei, é quando tu inclui algo ou alguém em alguma coisa, tipo um projeto ou uma escola, no caso, em qualquer lugar."

A partir desses conceitos, é possível depreender duas categorias: Inclusão restrita e inclusão irrestrita. Na categoria Inclusão restrita, inserem-se as respostas que consideram que a inclusão é a participação na escola. Já na

categoria Inclusão Irrestrita inserem-se os conceitos que alegam que a inclusão é em todos os lugares.

Cinco alunos expressaram seu entendimento do que é inclusão, fazendo relação com a escola, ou seja, levantando a ideia de que a Inclusão só está presente na escola e portanto trata-se de uma Inclusão Restrita. Inclusive foi questionado a um aluno se a inclusão se dá só na escola ou em qualquer lugar, e este aluno respondeu que somente na escola. Em contrapartida, os outros três alunos conseguiram transcender o tema inclusão dos muros da escola trazendo a ideia de Inclusão Irrestrita, ou seja, que ela se dá em qualquer lugar e não só na escola como os outros haviam afirmado.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho possibilitou identificar diferenças entre a visão dos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais acerca da inclusão de colegas com deficiência. Assim, foram depreendidas duas categorias (MORAES, 2003): Inclusão Restrita (só no ambiente escolar) e Inclusão Irrestrita (em todos os espaços da sociedade).

Os dados revelaram que os alunos dos Anos Iniciais (escola A) não tiveram contato com o tema inclusão, inclusive alguns afirmaram nunca ter nem ouvido falar sobre inclusão, não imaginavam o que seria Inclusão e nem para que serve. Já dos alunos dos Anos Finais (escola B), oito dos doze, esboçaram o conceito de inclusão. É importante salientar que um dos alunos da Escola B, fez confusão ao identificar uma deficiência em sua família, quando respondeu que o parente com alguma deficiência era sua avó que já havia falecido e quando perguntei que deficiência ela tinha ele respondeu: câncer.

A falta de diálogo sobre diferenças e especificidades, gera, mesmo que inocentemente, a invisibilidade dos estudantes diferentes e impede uma melhor relação e desenvolvimento social com os demais. As práticas vigentes de inclusão nos levam à reflexão da necessidade de estarmos atentos às “falsas” inclusões, nas quais a criança com deficiência figura só no espaço físico e não como partícipe, ou seja, não constrói uma relação de pertencimento dentro do grupo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESSEN, M. A.; SILVA, N. Crianças com síndrome de Down e suas interações familiares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 16, n. 3. 2003, p. 503-514.

PUESCHEL, S. M. **Síndrome de Down; Guia para pais e educadores**. Campinas – SP, Ed. Papirus, 1993.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003

SCARDUA, V. M. A Inclusão e o Ensino Regular. **Revista FACEVV** . – N. 1 ES - Vila Velha. 2008.